

**A GUERRA AO TERROR E O CINEMA HOLLYWOODIANO
DURANTE O GOVERNO DE BARACK OBAMA**

***The war on terror and Hollywood cinema during the
government of Barack Obama***

***La Guerra contra el terrorismo y el cine de Hollywood
durante el gobierno de Barack Obama***

Daniel Ivori de Matos¹

Resumo:

Os atentados de 11 de Setembro de 2001 foram explorados como um novo marco histórico e muitos discursos políticos alertavam o mundo sobre o “novo” inimigo, o terrorismo islâmico, foram apropriados por diversos países, tornando-se uma estratégia internacional antiterrorista. Os conflitos iniciados por George W. Bush não foram finalizados em seu mandato, novos grupos terroristas e novos conflitos surgiram, seguindo como um fardo para seus sucessores. Pretende-se aqui expor os principais aspectos da luta contra o terrorismo empreendida pelos EUA durante o governo de George W. Bush e seus impactos no cinema e na sequência mapear e situar algumas produções e temas que circundam o governo de Barack Obama, a fim de compreendê-los dentro do processo histórico da *Guerra ao Terror*, numa análise dos registros fílmicos e da escrita fílmica deste capítulo da história dos EUA.

Palavras-chave: Cinema-História. Terrorismo. EUA.

Abstract:

The attacks of September 11, 2001 were used as a new historical landmark and many political speeches alerting the world about the “new” enemy, Islamic terrorism, were appropriated by several countries, becoming an international anti-terrorist strategy. The conflicts initiated by George W. Bush were not ended during his term; new terrorist groups and new conflicts emerged, remaining a burden for his successors. The aim here is to expose the main aspects of the fight against terrorism undertaken by the USA during the government of George W. Bush and its impacts on cinema and then to map and situate

some productions and themes that surround the government of Barack Obama, in order to understand them within the historical process of the War on Terror, in an analysis of the film records and film writing of this chapter in the history of the United States of America.

Keywords: Cinema-History.Terrorism. USA.

Resumen:

Los atentados del 11 de septiembre de 2001 fueron explotados como un nuevo hito histórico y muchos discursos políticos que advertían al mundo sobre el “nuevo” enemigo, el terrorismo islámico, fueron apropiados por varios países, convirtiéndose en una estrategia antiterrorista internacional. Los conflictos iniciados por George W. Bush no terminaron durante su mandato: surgieron nuevos grupos terroristas y nuevos conflictos que siguieron siendo una carga para sus sucesores. El objetivo aquí es presentar los principales aspectos de la lucha contra el terrorismo emprendida por los EE.UU. durante el gobierno de George W. Bush y sus impactos en el cine para luego mapear y situar algunas producciones y temas que rodean al gobierno de Barack Obama, para entenderlos dentro del proceso histórico de la Guerra contra el Terror, en un análisis de los registros fílmicos y la escritura cinematográfica de este capítulo de la historia de los EE.UU.

Palabras clave: Cine-Historia. Terrorismo. EE.UU.

Cinema e terrorismo pós-11 de setembro

Uma das primeiras linguagens que nos vem à mente sobre como os EUA conta seu passado é a cinematográfica, tamanha a força que ela exerce no cenário global, principalmente referente aos filmes dos grandes estúdios de *Hollywood*. Muitas vezes contrastando com as abordagens vigentes sobre determinados eventos, o cinema se torna campo de disputa frente a narrativa histórica. De tal modo, fica evidente que a *Guerra ao Terror* não poderia ser contada sem as imagens.

A intensa cobertura midiática dos atentados de 11 de Setembro, principalmente a TV, fortaleceram a “nova” pauta do governo, e, sobretudo, o imaginário social de que novos ataques terroristas poderiam ocorrer aos EUA. O poder das imagens foi crucial para que diversas mudanças nas políticas internas e externas ocorressem, com George W. Bush tendo forte apoio do Congresso e da população, bem como da comunidade internacional. Portanto, houve um acontecimento, que carregava uma nova concepção de guerra e de ataques sem precedentes, um *marco*², houve uma comoção das grandes nações, que justificaram a intervenção no Afeganistão, numa espécie de represália, culpando um país por abrigar, ou eventualmente ter aproximações, com grupos terroristas. E que posteriormente se estendeu a outros países, o Eixo do Mal, justificando a intervenção no Iraque.

Esta “nova” estratégia global contra o terrorismo omitiu a atuação dos EUA no Oriente Médio e seu impacto na região ao longo do século XX em favor do novo empreendimento. Constituiu-se uma nova interpretação dessas relações a partir do *marco*, intensificando a estereotipação dos países árabes; a nação ficaria à mercê da narrativa da *Guerra ao Terror*. O que se propagou ao longo do governo de George W. Bush era a concepção de que o terrorista fundamentalista islâmico era uma pauta, diga-se de passagem, relativamente “nova” e que ganhou os holofotes a partir do *11 de Setembro*, mas que se já figurava na agenda de ameaças após a Segunda Guerra Mundial. Sobretudo, com o passar dos anos os argumentos do governo estadunidense se mostraram frágeis e em muitos momentos sem fim à vista, o que aos poucos diminuiu o apoio dos cidadãos estadunidenses e da comunidade internacional.

Hollywood sofreu os efeitos das imagens televisivas e, claro, de uma interpretação ligada ao novo *marco* histórico. O cinema hollywoodiano se manteve distante nos anos iniciais após os atentados de 11 de Setembro e focou em alegorias e filmes escapistas, apenas com o passar dos anos, quando se tornou inevitável tratar tais temas, os levou ao público; o cinema independente/estrangeiro tratou de primeiramente representar os *atentados* e posteriormente houve grande representação da Guerra do Iraque. Ou seja, tanto os filmes favoráveis como os contrários a *Doutrina Bush* estavam inseridos na narrativa da *Guerra ao Terror*, principalmente se ressaltar que raros filmes contestaram a invasão do Afeganistão – produções favoráveis ao governo republicano. Os grandes estúdios, eventualmente, se esforçariam para tratar temas delicados e mostrar que o cidadão teve momentos “vencedores” em conflitos anteriores.

Muitos filmes sobre o dia dos *atentados de 11 de Setembro* disputaram com a imagens televisivas a representação “real” do acontecimento. De modo geral, observa-se pela postura de muitos críticos cinematográficos um forte apelo ao *marco* e a periodização, em alguns casos não explicitamente, mas como destacado, não se questionou majoritariamente os *atentados*, mas os efeitos das políticas da *Guerra ao Terror*, a partir de 2007, um sinal do fim do governo de George W. Bush.

O cenário cinematográfico, abordagens e temas: sobre o *11 de Setembro* havia certa censura a trazer uma representação do árabe e da religião muçulmana, este evento deveria ser tratado como um memorial visual do ataque aos EUA. Não à toa, produções tidas como “antiamericanas” ficaram a margem e tinham sua exibição adiada. A Guerra do Afeganistão, teve pouco espaço em meio a filmografia produzida no governo W. Bush, e sem muitas referências em meio a crítica cinematográfica. No entanto, a intervenção no Iraque, foi intensamente criticada, em grande parte por documentários, e teve respaldo em meio a crítica especializada, e se

intensificou com os escândalos do exército e da má administração do governo em lidar com os movimentos insurgentes. A representação negativa da administração Bush/Cheney ganhou espaço e respaldo em meio a crítica de diversos filmes, principalmente após 2007, com filmes críticos à luta contra o terror ganhando espaço. No fim do mandato de George W. Bush houve um aumento de filmes críticos a presença das tropas estadunidenses no Iraque, o que se tornou ainda mais incisiva com filmes bastante críticos a atuação dos EUA no Oriente Médio, frente a Guerra do Iraque, e principalmente ao Afeganistão.

A *Guerra ao Terror* é um processo em aberto, por isso em muitos filmes, e na própria crítica cinematográfica, o *11 de Setembro* aparece enquanto *marco* periodizador, um drama nacional – o território foi atacado. O cinema da *Guerra ao Terror*, ao longo do governo de George W. Bush, estava em grande parte aliada ou presa a essa narrativa, poucos filmes foram capazes de apresentar que havia um processo histórico que ia além do *marco* do *11 de Setembro* – pode-se citar o filme *Syriana* (2007) que focou no processo e não no *marco*. Houve um *marco causativo* (VESENTINI, 1997), os atentados de 11 de Setembro e a luta contra o terror de Bush/Cheney foram se tornando longas e despendiciosas, já que o terrorismo internacional não se trata de um inimigo que será facilmente derrotado. Pois além de ser um termo de difícil definição, é profundamente dependente de quem ou porquê se define alguém ou um grupo com terrorista.

O direito a guerra é um direito natural a qualquer país, a intervenção dos EUA no Afeganistão foi aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU,³ órgão que regulamente tais ações. Em relação ao Afeganistão, houve grande envolvimento internacional, principalmente por uma espécie de direito de defesa dos EUA devido aos ataques terroristas ao país em 2001. Este processo se prolongou ao longo do governo de Barack Obama, Donald Trump e no início do governo de Joe Biden. No entanto, em relação ao Iraque isto não ocorreu. Tal empreendimento não foi concedido, tendo em conta a credibilidade dos argumentos utilizados pelo governo Bush para a intervenção.

Nas duas últimas décadas, muitos conceitos que circundam a *Guerra ao Terror* se tornaram sinônimos e metonímias no imaginário do Ocidente, como por exemplo: islamismo, terrorismo e Oriente Médio – e tantos outros foram surgindo e somando-se a essa narrativa, cita-se os novos grupos terroristas com o ISIS. Desse modo, inúmeras interpretações tendenciosas da religião muçulmana – especialmente durante o governo Bush e retomado por Trump – criaram representações alienantes, manipulando a opinião pública.

O conceito de terrorismo atualmente emprega uma vasta gama de significações e ramificações. Ressalta-se, portanto, a importância do tempo histórico e da experiência do passado

em sua aplicação. As muitas mudanças ocorridas após o *11 de Setembro* trazem à tona aspectos políticos, econômicos e socioculturais, expondo as *experiências* e *expectativas*⁴ de sujeitos, organizações e instituições. Para além da simples apresentação das significações históricas de um conceito, trata-se de apreciar através da linguagem a própria experiência humana.

A reflexão temporal acerca do termo terrorismo se torna pertinente para se compreender o processo histórico pelo qual perpassa sua aplicação. Autores como Walter Laqueur, Charles Townsend, Stephen Nathanson, Sean Anderson e Stephen Sloan, Bruce Hoffmann, Eric Hobsbawm se debruçaram sobre as implicações conceituais, mas deixam de lado a sua utilização por diferentes países, como, por exemplo, o terrorismo de estado financiado pelos EUA ao longo dos séculos XIX e XX, principalmente aplicado nos países latino-americanos. Ou ainda, quando falamos dos EUA e os eventos no Japão em fins da Segunda Guerra Mundial e a sua relação com o terrorismo de massa, como destacou o filósofo italiano Domenico Losurdo (2010, p. 21) que mostra os contrastes e diferentes aplicações do terrorismo, evidenciando como ele tem aplicações políticas.

Os EUA se tornaram um dos principais norteadores da sua aplicação conceitual, principalmente frente ao terrorismo internacional de base tradicional-religiosa, especificamente o fundamentalismo islâmico. Boa parte desse imaginário sobre o terrorismo islâmico está ligada à *cultura política* das últimas duas décadas, fortalecida através do posicionamento do governo frente ao *11 de Setembro* e as ações posteriores no Oriente Médio, acontecimentos amplamente divulgados pelas plataformas de comunicação e informação.

A historiadora da Universidade de Yale, Beverly Gage, em seu artigo “Terrorism and the American experience: a state of the field,” (2011) critica os estudos sobre o terrorismo que se limitam aos conflitos no Oriente Médio – ou seja, os que têm como *marco* o *11 de setembro*. A autora ressalta que tais pesquisas não levam em consideração os atos e outras implicações acerca do termo em épocas distintas, principalmente dentro do território dos EUA. Em se tratando dos historiadores, aponta que, por questões metodológicas, eles tendem a seguir perspectivas que desconsideram a reflexão em teorias gerais – ao contrário de cientistas políticos, sociólogos, economistas e jornalistas, esses tidos pela autora como responsáveis pelas melhores reflexões pós-11/09.

Portanto, a principal crítica de Gage aponta para o fato de que grande parte dos estudos historiográficos não toma partido sobre o terrorismo dentro do território nacional norte-americano, pois se viram pressionados a explicar o conceito de ponta-a-ponta no âmbito dos *ataques de 11 de Setembro* pelo prisma do terrorismo internacional. Para a autora, trata-se de um

terreno complexo e, por se tratar de política, corre-se o risco de reforçar o discurso da *Guerra ao Terror* (GAGE, 2011). Mesmo antes dos atentados de 2001, Gage destaca que os estudos sobre o terrorismo sempre caminharam em conjunto com questões políticas, com a sua utilização nas reflexões sobre revoltas anticapitalistas, com grupos anarquistas e trabalhadores radicais (2011).

Tal ponto é crucial quanto a compreender a apreciação deste conceito na filmografia hollywoodiana a fim de notar se houve produções que trataram do terrorismo dentro do território e por cidadãos estadunidenses. Ou seja, prescrutar se houve mudanças no imaginário social com representações de atos terroristas que não apenas de cunho religiosos – entenda-se islâmico –, mas também para outras expressos do termo, como terrorismo de estado. De tal modo, vislumbra-se que houve um enfraquecimento da retórica do terror, marca da *Doutrina Bush*, num movimento mais “brando” por Obama, à caça de Bin Laden e o investimento em espionagem, cuja política estaria mais voltada a aspectos socioculturais do que numa empreitada imperialista como seu antecessor.

O *11 de Setembro* torna-se o *marco* da empreitada dos EUA contra o terrorismo fundamentalista islâmico pela difusão da ideia de uma “nova luta” iniciada nesse fatídico dia. De tal modo, a *Guerra ao Terror* é algo a ser efetuado, não um ponto de chegada ou transição, mas o seu início. Os ataques centram, se tornam *marco*, porque o efeito das imagens os definem como um momento de união na defesa da nação. *11 de Setembro* é um *marco*, porque todos recorrerão a ele, ou a partir dele, para interpretar movimentos anteriores e posteriores, tornando-o a força de atração do acontecimento. Não se trata de seguir o caminho de utilizar os filmes como rememoração e/ou ilustração do peso do *11 de Setembro*, exaltando a sua importância, mas perceber como ele se impõe ao longo da História recente dos EUA, de que modo as narrativas recentes se aproximam ou se distanciam deste ao tratar dos efeitos colaterais das políticas antiterroristas.

O objetivo deste artigo é problematizar como o cinema interpretou/incorporou a história recente dos EUA, observando as consequências da *Doutrina Bush* no governo de Barack Obama. Buscar-se-á apresentar e mapear alguns dos principais filmes do período e os temas recorrentes, fazendo uso da crítica cinematográfica⁵, pensando o diálogo entre estes, os cineastas, a obra e o público. Tal abordagem metodológica proporciona observar a historicidade dos filmes em contato com seu público, de tal modo notar a recepção da escrita fílmica após a *Doutrina Bush*, quais modelos narrativos vigoraram com o enfraquecimento da retórica da *Guerra ao Terror*.

O cinema e o terrorismo no governo de Barack Obama

Barack Obama em seus pronunciamentos buscou distanciar-se da *Doutrina Bush*, seguindo outro caminho para além do ataque ao Oriente Médio e ao islã, especificando a luta contra o grupo terrorista *Al Qaeda*. Nesse momento, a organização terrorista estava presente no Afeganistão e Paquistão⁶, a estratégia de Obama era uma luta rápida contra os conflitos regionais nos dois países e a Al-Qaeda. Ademais, enfatizava o foco para a espionagem e investimento na modernização e educação de países pobres a fim de combater redes terroristas. Com quase uma década de operações desastrosas e escândalos, bem como, denúncias de tortura em prisões – como Guantánamo e *Abu Ghraib* –, Obama defendeu ações com drones na busca de evitar ações diretas envolvendo civis. Contudo, com Obama tais ações prosseguiram, contudo, com outros direcionamentos da política interna e externa, ao contrário de Bush que utilizou a guerra contra o terrorismo como capital político.

Destarte, este aparente distanciamento de Bush, numa nova política antiterrorista, na prática Obama manteve o modelo e discurso da “defesa da liberdade e democracia”. Sobretudo, muitos opositores chegaram a apontar aproximações entre as ações de Obama e seu antecessor, indo na contramão aos discursos de sua campanha presidencial⁷. Sendo um democrata sofreu ataques dos republicanos, uma destas críticas seria a de não expandir a influencia estadunidense a outros países⁸.

Diferentemente de Bush, que com as ações terroristas no início do mandato conseguiu manter seu mandato e posteriormente se reeleger, Obama teve que lidar não apenas com as guerras iniciadas pelo seu antecessor, mas também com novos eventos, alguns destes oriundos da própria ação antiterroristas. Em seu terceiro ano de mandato Barack Obama enfrentou os efeitos da Primavera Árabe – conjunto de protestos que ocorrem em países árabes no norte da África e também no Oriente Médio – juntamente com Hillary Clinton, que no período era Secretária de Estado, precisamente a Guerra Civil na Líbia ao longo de 2011, iniciado a partir dos protestos da população contra a ditadura de Muammar al-Gaddafi; e também o conflito na Síria, ainda em andamento, contra o presidente Bashar al-Assad.

Foi neste terceiro ano de mandato que Obama cumpriu sua promessa de campanha e retirou por completo as tropas americanas do Iraque, direcionando parte delas para a terra natal e outra para outros conflitos contra o terrorismo, como Afeganistão e Paquistão⁹. Sobretudo, o grande “legado” deixado para o governo Obama foi o da reconstrução das instituições democráticas no Iraque em meio aos constantes levantes de grupos fundamentalistas islâmicos e

nos embates entre sunitas e xiitas e eventuais eleições no país. Após a saída das tropas americanas em 2011, após diversos conflitos internos entre xiitas e sunitas, o primeiro-ministro Nouri al-Maliki era acusado de excluir os sunitas do governo. Em 2014 os EUA retornaram a pedido do Iraque ao país para dar suporte as conflitos internos e na luta contra o Estado Islâmico do Iraque e do Levante – intervenção está finalizada apenas em 2021.

Portanto, o governo de Barack Obama teve de lidar com conflitos no Afeganistão e Iraque e a ascensão de novos grupos terroristas, em especial o Estado Islâmico, além dos efeitos e ações beligerantes em outras regiões consideradas estratégicas para os EUA, como a Líbia, Síria, e Egito, com a desestruturação dos regimes ditatoriais, resultado dos levantes da Primavera Árabe.

Sobretudo, um dos eventos mais representativos do governo Obama foi caçada e a execução de Osama Bin Laden em 02 de maio de 2011, operação amplamente noticiada com a divulgação de imagens e vídeos do presidente apreensivo, agentes da CIA, os *Navy Seal's* e todo o aparato da operação que marcaria o fim ao inimigo número um dos EUA. É notável que Barack Obama teve de enfrentar os efeitos colaterais da luta contra o terrorismo, ou seja, da *Doutrina Bush*, e também mostrar os avanços e a sua marca em meio a política externa e a política antiterrorista, em muitas casos com ações semelhantes à Bush, mas de forma mais branda, como a captura de Bin Laden, dando um “fim” a este capítulo da vexaminosa atuação americana, e tendo que lidar com temas delicados e que foram palco de denúncias da ação de soldados americanos, como a tortura, buscando afastar-se das marcas do passado recente, e em outros como mediador entre o Ocidente e Oriente. A filmografia e a análise da crítica mostram campos de disputa sobre a forma como *Hollywood* deve representar e levar tais temas ao espectador.

Importante destacar que ao menos nos dois primeiros anos do primeiro mandato de Barack Obama muitas produções ainda possuíam um apelo voltado à críticas a *Doutrina Bush*. Isso se deve em partes ao tempo de produção dos filmes e/ou mesmo as definições da política externa e antiterroristas da nova administração, ao menos em 2009, ainda baseados em promessas da campanha presidencial, numa apreciação e distanciamento do democrata em oposição ao adversário republicano John McCain. Filmes sobre os efeitos das guerras contra o terrorismo são corriqueiros, principalmente a respeito dos soldados americanos, podemos destacar *O Mensageiro* (*The Messenger*, 2009), *Entre Irmãos* (*Brothers*, 2009). Além deste espectro temos os filmes críticos aos jogos políticos como *Jogos de Poder* (*Fair Games*, 2010) e *O Escritor Fantasma* (*The Ghost Writer*, 2010), e produções focadas no campo de batalha *Os Homens que encaravam Cabras* (*The Men Who Stare at Goats*, 2009), *Zona Verde* (*The Green Zone*, 2010), *Restrepo* (2010).

Torna-se pertinente notar o dualismo da política externa e antiterrorista ao longo do mandato de Brack Obama e isto aparece em diversas produções do período. É notável também a colaboração entre o governo, através da CIA (via *Entertainment Industry Liaison*)¹⁰ e os produtores de *Hollywood* foi se tornando mais aparente e menos sombria que nas décadas anteriores. O tema da tortura mostrado num pós-11 de setembro e em meio a escândalos como *Abu Ghraib* e Guantánamo, filmes como *A Ameaça Terrorista (Unthinkable, 2010)*, deixam o dilema moral de lado e apresentam uma perspectiva bastante enfática, um cenário de perigo extremo com a possível detonação de bombas nucleares, e conduzem o espectador a refletir sobre o uso da tortura como arma na luta contra o terrorismo¹¹. Destarte, filmes como *A Hora Mais Escura (Zero Dark Thirty, 2012)* representa a mudança de perspectiva, e de certa forma, o dualismo da política externa da administração Obama.

O principal ponto a respeito disso refere-se a sugestão de que o uso da tortura contribuiu para a captura de Osama Bin Laden, segundo a diretora a partir das fontes da própria CIA – o crítico Mick Lasalle apontou esse aspecto.¹² Ademais, há grande destaque a peça central do filme, o ataque ao esconderijo de Bin Laden, sequência que se passa quase em tempo real com grande preocupação aos detalhes. Tal aspecto foi um ponto bastante exaltado por parte deste crítico.¹³ *A Hora mais Escura (2013)* segundo Lasalle é um grande peça publicitária e mercadológica, bem feita, e que representa que ao mexer com os EUA, a CIA lhe encontrará de qualquer forma.¹⁴

A produção *Argo*, lançada em novembro de 2012, também é bastante representativa desse movimento mais condescendente com o governo, num enredo que se passa em meio a crise do Irã no fim dos anos de 1970 e o resgate de seis americanos presos na embaixada canadense, novamente envolvendo agentes da CIA que adentraram o país com o pretexto de produzir um filme. *Argo* foi lançado alguns meses antes de *A Hora mais Escura*, e segue o padrão de filmes que se aproximam de uma visão mais otimista da política atual americana. O roteiro de Chris Terrio foi baseado em um artigo de 2007 publicado na revista *Wired* de Joshuah Bearman, escrito após a divulgação de documentos pela CIA. Bastante elogiado pela crítica, alguns pontos merecem destaque, como a não representação pitoresca dos iranianos extremistas¹⁵, algo bastante recorrente em *blockbusters* pós-11 de setembro.

Os filmes de guerra lançados durante o governo Obama ainda persistem com os clichês do gênero – ao estilo *O Resgate do Soldado Ryan (Saving Private Ryan, 1998)* –, e também no jingoísmo, contudo, mais contido após a grande gama de produções contrárias aos conflitos no Afeganistão e principalmente no Iraque, ainda no governo Bush. A valorização dos soldados e de

seus esforços é algo essencial em muitas produções do gênero. Há um bom exemplo que se liga ao contexto histórico e político do período o filme *O Grande Herói* (*Lone Survivor*, 2013) com roteiro baseado no livro de Marcus Luttrell sobre o fracasso da Operação *Red Wings* envolvendo os *Navy SEALs* em 2007 no Afeganistão a fim de capturar um dos líderes do Talibã. Críticos como Betsy Sharkey¹⁶ e Dana Stevens¹⁷ ressaltam o aspectos da preocupação do diretor Peter Berg em representar os homens em campo de batalha e também em apresentar parte do treinamento dos *Navy SEALs*. Dana Stevens chega a destacar que o filme não reforça ou sustenta uma justificativa da Guerra no Afeganistão, sendo uma produção realista, mas podendo até mesmo ser considerado um filme antiguerra.¹⁸

Em meio ao dualismo da política de Obama, fica evidente que neste período houve grande aumento de filmes sobre guerra, principalmente nos filmes sobre heróis de guerra, tal como o filme citado anteriormente, e talvez um bom exemplo seja *Sniper Americano* (*American Sniper*, 2014), um filme biográfico de um *Navy SEAL*, considerado o maior mortal da História Militar dos EUA, em suas ações no Iraque. Típico filme de guerra que discute aspectos morais a respeito da guerra, transição entre a vida civil e o dever do soldado americano. Filme este que concorreu a diversas categorias do *Oscar*, vencendo como melhor edição de som. Fica claro nesse momento a grande exaltação da elite militar, os *SEAL's* da Marinha Americana, lembrando que estes foram os responsáveis pela morte do grande inimigo dos EUA.

Sobre *Sniper Americano*, o crítico Kenneth Turan, *Los Angeles Times*, faz referência a outros filmes e heróis de guerra do passado como *Sargento York* (*Sergeant York*, 1941) e *Terrível como o Inferno* (*To Hell and Back*, 1955), respectivamente sobre a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais¹⁹. Kyle Smith, *New York Post*, aponta *Sniper Americano* como o filme mais extraordinário do ano, e traz diversas considerações sobre o “espírito americano”, e e aos soldados oriundos dos estados do Texas, Virgínia e Geórgia como homens que vem as armas como espadas da justiça. Smith exalta que o filme não apresenta a guerra como algo belo, mas como algo necessário²⁰.

Houve também referências aos filmes recentes como *Guerra ao Terror* (*The Hurt Locker*, 2008) como destacado por Todd McCarthy do *The Hollywood Reporter*, que descrever o filme como um trabalho “patriota e melancólico” do diretor Clint Eastwood. O crítico aponta que contexto de lançamento iria impulsionar a produção e os respectivos espectadores que não costumam ir ao cinema: feriado natalino; a popularidade do livro que originou o filme; Bradley Cooper como estrela principal; e o discurso “Deus, pátria e família” do filme.²¹ Muitos desses aspectos são fundamentais para entender o furor sobre o filme, a arma é um elemento fundamental do enredo, não à toa, o diretor é um conhecido defensor da Segunda Emenda da Constituição dos EUA.

O filme *13 Horas: os Soldados Secretos de Benghazi* (*13 Hours: The Secret Soldiers of Benghazi*, 2016), representa o ataque terroristas do dia 11 de setembro de 2012 ao complexo diplomático do EUA em Bengasi na Líbia, no qual houve a morte do embaixador estadunidense John Christopher Stevens e o Oficial de Gestão de Informação Sean Smith e dois oficiais da CIA. O filme dirigido por Michael Bay explora a adrenalina, sequências com explorações tiroteios e edição frenética, a fim de exaltar a coragem dos ex-militares que defenderam o posto da CIA e do referido complexo diplomático²². Sobretudo, novamente abusando dos clichês do gênero a fim de mostrar a importância de homens que estão dispostos a defender a nação e os ideais democráticos nos lugares mais longínquos. Interessante destacar que grande parte da crítica exaltou a direção de Michael Bay – conhecido pelos filmes de ação e pela série de filmes *Transformers* –, por representar esse atentado de forma frenética e tensa, soando como um modelo narrativo ideal para eventos históricos dessa estirpe.²³

Os filmes de guerra possuem pontos em comum: todos são explicitamente patrióticos e praticamente todos seguem uma linha de valorização dos soldados. Tendem a utilizar o modelo de cenas de combate para mostrar a bravura dos soldados e, conseqüentemente, a dificuldade por eles enfrentadas. De modo geral, as produções citadas fizeram referências diretas a grandes conflitos que envolvem a memória coletiva estadunidense, dialogando com uma cultura histórica a partir de narrativas conhecidas, aproximando-se dos espectadores.

Considerações Finais

A linguagem cinematográfica tem uma importância significativa em meio à história dos EUA, constantemente estudada como forma de compreender os processos históricos e eventos que envolvem este país. De tal modo, durante todo o governo Bush observaram-se diferentes momentos e interpretações cinematográficas. Num primeiro momento com as grandes produtoras alterando/modificando vários filmes que fizessem referência direta ao evento, produções independentes e/ou estrangeiras que buscaram representar ou refletir sobre o ocorrido, e ainda os filmes que reforçaram o escapismo e/ou o esforço de guerra. Durante o governo de Barack Obama o cenário fílmico se apresenta bastante próximo às ações do governo e muitos temas de grandes produções de *Hollywood* dialogam com as ações dos países no Oriente Médio. Fica evidente ainda a força que os filmes de guerra têm na representação e escrita da história dos EUA e de suas ações.

Referências:

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BRUIT, Brian. Review: '13 Hours' action brings out Bay's best. **USA Today**, 14 Jan. 2016, McLean. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/life/movies/2016/01/14/review-13-hours-secret-soldiers-of-benghazi/78727054/>>. Acesso em: 03/08/2024.

FRIEDERSDORF, Conor. Progressives Are Internalizing Hawkish 'War on Terror' Claims. **The Atlantic**, Boston, 13 Fev. 2013. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2013/02/progressives-are-internalizing-hawkish-war-on-terror-claims/273102/>>. Acesso em: 30/04/2024.

GAGE, Beverly. Terrorism and the American Experience: a state of the field. **Journal of American History**, n. 98, v. 1, p. 73-94, 2011. doi: 10.1093/jahist/jar106. Disponível em: <http://jah.oxfordjournals.org/content/98/1/73.short>. Acesso em: 10 set. 2016.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. Puc-RJ, 2006.

LANDAY, Jonathan. STROBEL, Warren. EXCLUSIVO-Estratégia antiterrorismo de Trump pede maior participação de aliados. **Reuters**, 05 Mai. 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/eua-trump-antiterrorismo-idBRKBN1812FJ-OBRWD>>. Acesso em 28 ago. 2023.

LANDER, Edgardo. Los civilizados y los bárbaros. **Revista Nueva Sociedad**, n. 177, Enero-Febrero 2002. Disponível em: <<http://www.nuso.org/revista.php?n=177>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

LASALLE, Mick. 'Zero Dark Thirty' review: On target. **San Francisco Chronicle**, São Francisco, 03 Jan. 2013. Disponível em: <<https://www.sfgate.com/movies/article/Zero-Dark-Thirty-review-On-target-4164885.php>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

LEYDON, Joe. Unthinkable. **Variety**, Nova Iorque, 26 Jun. 2010. Disponível em: <<https://variety.com/2010/film/reviews/unthinkable-1117943067/>>. Acesso em: 02/08/2024.

LOSURDO, Domenico. **A Linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense**. São Paulo: Boitempo, 2010.

LUMENICK, Lou. Big Ben. **New York Post**, Nova Yorque, 12 Out. 2012. Disponível em: <<https://nypost.com/2012/10/12/big-ben/>>. Acesso em: 31 Jul. 2024.

MCCARTHY, Todd. 'American Sniper': AFI Fest Review. **The Hollywood Reporter**, Hollywood, 11 Nov. 2014. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/general-news/american-sniper-afi-fest-review-748460/>>. Acesso: 04/08/2024.

PLEITGEN, Fred. Soldiers pulled from Iraq duty, sent straight to Afghanistan. **CNN**, 23 Abr. 2009. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2009/WORLD/asiapcf/04/23/troops.iraq.afghanistan/index.html>>. Acesso em: 30/04/2024.

SHARKEY, Betsy. Review: Peter Berg's fierce 'Lone Survivor' captures realities of war. **Los Angeles Times**, Los Angelse, 24 Dec. 2013. Disponível em:

<<https://www.latimes.com/entertainment/movies/moviesnow/la-et-mn-lone-survivor-review-20131225-story.html>>. Acesso em:

SMITH, Kyle. Explosive '13 Hours' recaptures the tragedy of Benghazi. **New York Post**, Nova York, 14 Jan. 2016. Disponível em: <<https://nypost.com/2016/01/14/13-hours-is-a-salute-to-american-heroes-in-benghazi/>>. Acesso em: 02/08/2024.

STEVENS, Dana. Lone Survivor, a down-and-dirty exercise in vicarious battle trauma. **Slate**, Nova Iorque, 02 Jan. 2014. Disponível em: <<https://slate.com/culture/2014/01/lone-survivor-reviewed-peter-bergs-war-movie-starring-mark-wahlberg-is-jingoistic-cliched-and-harrowing.html>>. Acesso em: 01/08/2024.

TAYLER, Tom Taylor. How the CIA infiltrated Hollywood. **Far Out Magazine**, Londres, 7 Dec. 2022. Disponível em: <<https://faroutmagazine.co.uk/how-the-cia-infiltrated-hollywood/>>. Acesso em: 29 jul. 2024.

TURAN, Kenneth. Review: 'American Sniper' goes above and beyond war-hero tradition. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 24 Dec. 2014. Disponível em: <<https://www.latimes.com/entertainment/movies/la-et-mn-american-sniper-review-20141225-column.html>>. Acesso em: 04/08/2024.

VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato**: uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: Hucitec, 1997.

WING, Nick. John McCain Attacks Obama's 'Failed Leadership' On Foreign Policy. **HuffPost**, 22 Out. 2012. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/john-mccain-obama-foreign-policy_n_2003777>. Acesso em: 30/04/2024.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

Notas:

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutorando pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor substituto no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC-São José). E-mail: danielmattos.historia@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6417-7532>

² Para os objetivos aqui propostos, são de suma importância as apreciações teórico-metodológicas presentes no livro *A Teia do Fato: uma proposta de estudo sobre a Memória Histórica*, do historiador Carlos Alberto Vesentini, publicado em 1997². O que se compreende das exposições de Vesentini é que o *fato* é a adjetivação do *acontecimento*: um momento histórico que será preenchido por interpretações. Para o autor não basta apenas recuperar o processo histórico, deve-se descobrir como ele está amarrado ao *fato*. Nesse "Império do Fato", como aponta Vesentini, existe um *marco* periodizador que define o "pós" e o "pré". Ele se torna o ponto de transição, definidor e causativo, onde se instaura o *fato*, que seria a *revolução/marco*, ponto de origem da sua construção. A partir disso ocorre o que Vesentini chama de *transubstanciação*, num movimento em que a memória histórica incide sobre a memória individual. Compreende-se que a partir do *marco* periodiza-se, define-se uma temporalidade, e que, portanto, ele é capaz de refazer a memória (VESENTINI, 1997, p. 134).

³ APROVADA COM unanimidade através da Resolução 1368. *United Nations*, 12 Set. 2001. Disponível em: <[http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1368\(2001\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1368(2001))>. Acesso: 10 Set. 2016.

⁴ Cf. KOSELLECK (2006).

⁵ Para a análise fílmica e das críticas cinematográficas são fundamentais os escritos da estética da recepção, em especial de Hans Robert Jauss, com destaque para dois conceitos-chave: horizonte de expectativa e experiência estética. O primeiro refere-se à compreensão anterior ao contato do leitor com a obra, ou seja, ao conjunto de conhecimentos que precedem a experiência estética, entendendo-se que esse horizonte é compartilhado pelo autor, já que coloca o leitor na estrutura formal do texto. O segundo, por sua vez, trata do efetivo encontro entre obra e receptor (ZILBERMAN, 1989; LIMA, 1979). Diante dessas considerações, deve-se também problematizar quanto uma obra se distancia ou se aproxima das expectativas de seu público, ou seja, a sua distância estética, a qual indica o caminho trilhado por tal obra, caracterizando o seu valor artístico. Como expõe Jauss (1994, p. 31), “[...] tal distância estética deixa se objetivar historicamente no espectro das relações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia)”. Todavia, pode-se argumentar sobre as singularidades de cada leitor, afinal, os sujeitos são essencialmente diferentes mesmo compartilhando um mesmo período histórico. Sobre essas questões, as exposições de Regina Zilberman são pertinentes, pois elucidam que mesmo que haja uma reação individual, para Jauss “[...] a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e que sendo ‘trans-subjetivo’, ‘condiciona a ação do texto’” (ZILBERMAN, 1989, p. 34). Assim, Jauss opera a estética da recepção pesquisando as relações entre o contexto do autor/obra e o contexto do leitor, considerando a dimensão histórica da recepção, já que determinada obra existe em função de seu público.

⁶ Obama anuncia nova estratégia contra o terrorismo e garante: os EUA vão vencer. AFP/UOL, WASHINGTON, EUA, 27 Mar 2009 (AFP). Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,MUL1429436-5602,00-ESTRATEGIA+AMERICANA+NO+AFEGANISTAO+E+NO+PAQUISTAO+ESTIMULA+A+VI+OLENCIA.html>>. Acesso em: 28/07/2024.

⁷ FRIEDERSDORF, Conor. Progressives Are Internalizing Hawkish 'War on Terror' Claims. *The Atlantic*, Boston, 13 Fev. 2013. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2013/02/progressives-are-internalizing-hawkish-war-on-terror-claims/273102/>>. Acesso em: 30/04/2024.

⁸ WING, Nick. John McCain Attacks Obama's 'Failed Leadership' On Foreign Policy. *HuffPost*, 22 Out. 2012. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/john-mccain-obama-foreign-policy_n_2003777>. Acesso em: 30/04/2024.

⁹ PLEITGEN, Fred. Soldiers pulled from Iraq duty, sent straight to Afghanistan. *CNN*, 23 Abr. 2009. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2009/WORLD/asiapcf/04/23/troops.iraq.afghanistan/index.html>>. Acesso em: 30/04/2024.

¹⁰ TAYLER, Tom Taylor. How the CIA infiltrated Hollywood. *Far Out Magazine*, Londres, 7 Dec. 2022. Disponível em: <<https://faroutmagazine.co.uk/how-the-cia-infiltrated-hollywood/>>. Acesso em: 29 jul. 2024.

¹¹ LEYDON, Joe. Unthinkable. *Variety*, Nova Iorque, 26 Jun. 2010. Disponível em: <<https://variety.com/2010/film/reviews/unthinkable-1117943067/>>. Acesso em: 02/08/2024.

¹² LASALLE, Mick. ‘Zero Dark Thirty’ review: On target. *San Francisco Chronicle*, São Francisco, 03 Jan. 2013. Disponível em: <<https://www.sfgate.com/movies/article/Zero-Dark-Thirty-review-On-target-4164885.php>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

¹³ Ibid.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ LUMENICK, Lou. Big Ben. *New York Post*, Nova York, 12 Out. 2012. Disponível em: <<https://nypost.com/2012/10/12/big-ben/>>. Acesso em: 31 Jul. 2024.

- ¹⁶ SHARKEY, Betsy. Review: Peter Berg's fierce 'Lone Survivor' captures realities of war. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 24 Dec. 2013. Disponível em: <<https://www.latimes.com/entertainment/movies/moviesnow/la-et-mn-lone-survivor-review-20131225-story.html>>. Acesso em:
- ¹⁷ STEVENS, Dana. Lone Survivor, a down-and-dirty exercise in vicarious battle trauma. **Slate**, Nova Iorque, 02 Jan. 2014. Disponível em: <<https://slate.com/culture/2014/01/lone-survivor-reviewed-peter-bergs-war-movie-starring-mark-wahlberg-is-jingoistic-cliched-and-harrowing.html>>. Acesso em: 01/08/2024.
- ¹⁸ STEVENS, Dana. Lone Survivor, a down-and-dirty exercise in vicarious battle trauma. **Slate**, Nova Iorque, 02 Jan. 2014. Disponível em: <<https://slate.com/culture/2014/01/lone-survivor-reviewed-peter-bergs-war-movie-starring-mark-wahlberg-is-jingoistic-cliched-and-harrowing.html>>. Acesso em: 01/08/2024.
- ¹⁹ TURAN, Kenneth. Review: 'American Sniper' goes above and beyond war-hero tradition. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 24 Dec. 2014. Disponível em: <<https://www.latimes.com/entertainment/movies/la-et-mn-american-sniper-review-20141225-column.html>>. Acesso em: 04/08/2024.
- ²⁰ TURAN, Kenneth. Review: 'American Sniper' goes above and beyond war-hero tradition. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 24 Dec. 2014. Disponível em: <<https://www.latimes.com/entertainment/movies/la-et-mn-american-sniper-review-20141225-column.html>>. Acesso em: 04/08/2024.
- ²¹ MCCARTHY, Todd. 'American Sniper': AFI Fest Review. **The Hollywood Reporter**, Hollywood, 11 Nov. 2014. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/general-news/american-sniper-afi-fest-review-748460/>>. Acesso: 04/08/2024.
- ²² SMITH, Kyle. Explosive '13 Hours' recaptures the tragedy of Benghazi. *New York Post*, Nova York, 14 Jan. 2016. Disponível em: <<https://nypost.com/2016/01/14/13-hours-is-a-salute-to-american-heroes-in-benghazi/>>. Acesso em: 02/08/2024.
- ²³ A exemplo da crítica: BRUIT, Brian. Review: '13 Hours' action brings out Bay's best. *USA Today*, 14 Jan. 2016, McLean. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/life/movies/2016/01/14/review-13-hours-secret-soldiers-of-benghazi/78727054/>>. Acesso em: 03/08/2024.